

EROTISMO, CORPO E DESEJO EM HILDA HILST: DIÁLOGOS ENTRE A POESIA ERÓTICA E A SALA DE AULA

Carlos Roberto Gonçalves da Silva ¹
Maria Izabel dos Santos Moura ²
Mylena de Lima Queiroz (Orientadora) ³

RESUMO

Pensar a literatura para a sala de aula sempre foi uma das maiores problemáticas enfrentadas por aqueles que se propuseram a debruçar-se sobre tal questão. Se pensarmos em termos históricos, notamos considerável avanço no ensino da literatura, no Brasil, se considerarmos, por exemplo, o século passado. Ainda assim, existe um aspecto da literatura que não foi trabalhada de maneira adequada: a literatura erótica. Neste artigo, colocamos em evidência a poética erótica de Hilda Hilst, poetisa e romancista que teve seu ápice no momento em que o Brasil vivia o Modernismo. Na obra poética de Hilda, encontramos vários aspectos de erotismo que, tradicionalmente, é visto de maneira inadequada pela sociedade geral, especialmente pela percepção do senso comum. Dessa forma, objetivamos, neste trabalho, analisar três poemas de Hilda Hilst – Balada de Alzira, Balada pré-nupcial e o III, que se encontra no livro *Poemas Malditos, Gozosos e Devotos*, a fim de demonstrarmos as temáticas erótico-amorosas que perpassam os seus poemas, considerando possíveis abordagens para o ensino de literatura. Fundamentamo-nos, para isso, em textos de Dal Farra (2001), para tratarmos sobre a questão da escrita feminina, Pagoto e Jacomel (2008), que falam sobre as representações feminina na literatura, e de Silva (2011), para tratar sobre erotismo e seus aspectos em Hilda Hilst. Esperamos contribuir, assim, com o ensino e com a divulgação da obra de Hilda.

Palavras-chave: Erotismo, Escrita Feminina, Poética Erótica, Ensino de Literatura.

INTRODUÇÃO

Pensar a inserção da mulher e de sua escrita no que se concebe como literatura é tarefa exaustiva e repleta de entraves, isso porque, como é sabido, historicamente o sexo feminino foi inferiorizado, em vista de um engrandecimento da figura masculina – dito forte, imponente e implacável. A mulher era, portanto, tratada em segundo plano, como uma espécie de tábula rasa, na qual depositava o homem que fosse seu senhor – aqui, referindo-nos a marido, aquilo

1 Graduando do Curso de Letras – Língua e Literatura Vernáculas, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – *Campus I*, borges.carlosroberto9@gmail.com;

2 Graduanda em Letras – Língua e Literatura Vernáculas, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, *Campus I*, izabel.moura@hotmail.com;

3 Doutoranda em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB). Professora substituta da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UAL/UFCG). E-mail: myi@hotmail.com.br

que lhe fosse conveniente, objetivando ter uma perfeita objetificação de um ser humano, a fim de conseguir uma progenitora fértil que regesse os afazeres domésticos.

Antes mesmo de pensarmos acerca das representações feitas da mulher na literatura, voltemo-nos para a sua escrita. Sobre isso, Dal Farra (2001) problematiza a terminologia que usamos: a que nos referimos quando tratamos de escrita feminina? E poesia de mulher? Existe um oposto para essas duas ideias? Discorrer sobre uma escrita feminina e uma poética de mulher é pensar muito mais do que apenas um texto redigido por alguém do sexo feminino, mas em convenções literárias que, direta ou indiretamente, regem essa produção, além de um repertório temático que envolve escritores e escritoras, assim como as habilidades das quais deve dispor o poeta/poetisa para se transpor do seu sexo a outro, a fim de escrever feminina ou masculinamente.

Sobre a personificação da mulher na literatura brasileira, de acordo com Pagoto e Jacomel (2008), as personagens femininas costumavam ser associadas a imagens angelicais, até meados do século XX. Isso significa dizer que havia uma idealização da mulher como uma figura dócil e serena, o que acabava por distanciar a representação literária do que era realmente visto na realidade. Essa idealização romântica, logicamente, foi de uma parcela de personagens femininas que se instauraram na tradição cultural, como um modelo aceitável e desejável de mulher. Dessa forma, tínhamos

As mocinhas, as protagonistas, as heroínas dos romances ou as musas inspiradoras de poemas. A lista seria grande. No lado oposto, tudo que seria o avesso de uma mulher desejável e “casável”: as vilãs, geralmente mulheres fatais, prostitutas ou bandidas. A literatura era assim, construída com figuras femininas feitas para o matrimônio ou para a perdição. Evas ou Marias.”
(PAGOTO; JACOMEL, 2008, p. 1-2)

Uma inversão dessa tradição de escrita feminina e personagens desse sexo como secundários é vista em Hilda Hilst, em sua obra poética e narrativa. Assim, no presente artigo, objetivamos analisar três poemas da autora Hilda Hilst, com a finalidade de observar as marcas eróticas em seus poemas, percebendo as especificidades deles para o ensino de literatura, uma vez que essa literatura costuma ser frequentemente marginalizada.

METODOLOGIA

Neste artigo, elencamos três poemas da autora Hilda Hilst, encontrados no livro *Hilda Hilst da Poesia*, os quais apresentam uma temática erótica. Em seguida, traçamos comentários de cunho analítico dos textos, à luz de nossos fundamentos teóricos. Por fim, apresentamos nossa visão acerca do trabalho com a literatura erótica em sala de aula.

DESENVOLVIMENTO: O LUGAR DO EROTISMO NA LITERATURA

Em primeiro lugar, devemos pensar sobre ao que nos referimos quando falamos sobre *erotismo*. Seria, pois, apenas mera pornografia, como a crença comum apregoa? Geraldo (2005), no Dicionário Júnior da Língua Portuguesa, define “Erótico” como sendo “que se refere a amor” (p. 241), mas essa ideia é demasiado abstrata, simplista e não abarca o que pensamos ser o erótico literário. Pela definição dada a partir da ferramenta Google, *erotismo* significa aquilo “em que há sensualidade; excitação física ou sexual. Estado do que é sensual; característica daquilo que é erótico. Inclinação ou tendência para se excitar com facilidade. Capacidade de sentir excitação sexual com mais regularidade do que a maioria das pessoas.”⁴

Essas definições que elencamos acima em muito se aproximam do que consideramos *pornografia*, tornando necessário apresentarmos uma consistente definição para erotismo na literatura, de modo que diferenciemos a literatura erótica da literatura pornográfica. Faz-se pertinente, assim, o pensamento de Cuddon (1999, apud SILVA, 2011), em seu dicionário de termos literários, no qual distingue as duas vertentes em que a poesia que canta o amor se bifurcaria, no verbete intitulado “Erotic poetry”:

A poesia erótica diz respeito ao sexo e ao amor sexual; a poesia amorosa tende a evitar detalhes sexuais (...). A poesia erótica tende a concentrar-se nos aspectos mais físicos do amor e da paixão, enquanto a poesia amorosa demora-se mais nas manifestações mais nobres do amor, os “mais elevados sentimentos”. (p. 284, tradução de SILVA, 2011)

Noutro trecho em seu dicionário, o autor define pornografia como:

Um trabalho de ficção (no sentido mais amplo do termo) no qual existe uma ênfase considerável na atividade sexual e que é, via de regra, escrito de tal maneira a estimular a excitação sexual. Pode ser engraçado, sério, bizarro ou horrendo, e, como qualquer outro tipo de

4 Disponível em <https://www.dicio.com.br/erotismo/>.

ficção, pode ser bem ou mal escrito. (p. 685)

Diante do que Cuddon (1999) aponta, o que podemos depreender, em suma, é a diferenciação fortemente marcada entre a poesia erótica, a lírico-amorosa e a pornografia. A poesia lírico-amorosa indica uma cortesia amorosa, isto é, um amor cortês, que idealiza – para não dizer *romantiza* – o sentimento amoroso, removendo dele certas “impurezas”, nas quais se inserem o desejo sexual. A poesia erótica, por sua vez, contrastando-se à pornografia, se constitui em uma associação entre sexo e amor, construindo a ideia de um amor sexual que tem seu momento ápice no sexo ou no simples contato entre os dois amantes. O amor é construído e idealizado a partir do corporal, do desejo. A pornografia, em contrapartida, é uma comercialização do sexo que não se prende ao sentimento amoroso, que visa a estimulação sexual; diferencia-se, portanto, da poética erótica e lírico-amorosa pela presença do sentimento amoroso e da preocupação com este.

Conceituando essas três ideias do que se chama, de maneira abrangente, de literatura erótica, Cuddon (1999) deixa marcado o ponto que diferencia essas três vertentes, que é a maneira como se aborda, ou não, o ato sexual, além dos objetivos por trás de cada uma delas. Na poética lírico-amorosa, versa-se sobre o sentimento amoroso inserido em suas “nobres manifestações”, idealizadoras, que mantêm afastados os corpos dos amantes. A poesia erótica aproxima esses corpos, cantando as sensações físicas que emanam do encontro físico ou onírico entre eles. À pornografia, ao contrário, interessa *apenas* o ato sexual em si, buscando um prazer a ser sentido pelo leitor, sem, como apontado anteriormente, preocupação com o sentimento entre os sujeitos.

Isso posto, entendemos, aqui, o termo ‘erotismo’ como sendo a transformação do sexo, tradicionalmente considerado errado e tornado um tabu na sociedade, em algo conhecido cientificamente e válido na poesia dos autores, insignificante do ponto de vista ético. (MORAVIA, 1961). O erotismo é, portanto, conforme aponta Morante (1961), uma afirmação espontânea a da vida, sendo um elemento essencial da vida humana em sua completude, não devendo, assim, ser tratado com argumentação desprezível quando se respeita o ser humano em sua integridade. Existia, conforme a autora, e ainda há resquício disso, nas sociedades, partindo de certas religiões, o vício em se partir o ser humano ao meio, declarando-o, assim, em uma metade nobre (associação ao lírico-amoroso) e em uma metade desprezível (associando-o à pornografia), não existindo a contemplação da poesia erótica tal qual a concebemos.

Calvino (1961), por sua vez, fala de uma escrita do sexo que se torna sempre mais difícil. Considerando uma sociedade que é dominada por tabus, preconceitos e rigores, o sexo, por conseguinte, sequer deveria aparecer nos escritos literários. Na literatura, por sua vez, ele sempre foi um grande símbolo de conhecimento, contato com a realidade e verificação existencial. Historicamente, o sexo foi considerado, especialmente em algumas culturas, uma forma de ligação entre o que transcende o humano, que vai além do terreno.

Moravia (1961) indica, também, que o erotismo na literatura moderna, na qual se insere os textos de Hilda Hilst, não nasce de um fato natural, mas de um processo contínuo de liberação das proibições e dos tabus preexistentes nas sociedades. Comparando com os pagãos, o autor considera a liberdade destes como sendo um fato inconsciente e ingênuo, enquanto que para os modernos, a liberdade é recuperada, reencontrada e reconquistada. O erotismo, na literatura moderna, tem – ou deveria ter – um caráter especial no que diz respeito aos argumentos que não causam escândalo nem mesmo sobressalto, os quais seriam, em síntese, normais.

De acordo com o autor Bataille (2004, p. 13), o erotismo transforma o que é meramente sexual – e, conseqüentemente, apenas animal - em "uma busca psicológica" e, dessa forma, humana, na qual se questiona o ser, visto que o erotismo é tampouco um aspecto da vida interior do ser humano, sempre vivido como transgressão (BATAILLE, 2004, p. 27-35; p. 56-62). A transgressão, assim como apontam Dias e Menezes (2015), como uma desencadeadora de um tumulto, é consideravelmente um conceito complexo, uma vez que possui um vínculo estreito com a existência legal da interdição, de maneira que o sentimento da transgressão não está associado com a mera liberdade das leis e normas.

ANÁLISE DOS POEMAS E DISCUSSÃO

1. Natureza, corpo e desejo em Balada pré-nupcial

Balada pré-nupcial (Balada do festival, 1955)

*Menina, nunca na vida
vi coisa igual a tua boca
nem nunca meus olhos viram
teu corpo e tua carne moça
Deixa que eu sinta a beleza*

*de tuas coisas escondidas.
E o cravo desabrochado
se expandia, se expandia...
Deixa meu peito ondular-se
nas tuas pernas de repente
permitidas. E prometo...*

*prometo mares e mundos
e te imagino subindo
as escadas de uma igreja
nós dois as mãos enlaçadas
nossa culpa redimida.
Deixa menina que eu diga
aquela palavra louca
no teu ouvido... Não ouças!
mas deixa, porque no amor
as palavras se transformam
e têm um outro sentido.*

*Me abraça e morre comigo.
E as duas coisas se chocaram
na mesma doida investida...
Solução que não se ouvia
(espaçado e comovido)
e o cravo que se expandia
foi se abrindo, foi se abrindo
em choro, promessa e dor,
florindo o filho do medo
muito mais medo que amor.*

Neste primeiro texto poético que destacamos, em Hilda Hilst, há notoriamente uma estrutura peculiar, que vai contra aquilo que propõe as correntes literárias clássicas, que, em termos estruturais de forma das poesias, apresentam elementos fixos de tessitura dos textos, como os sonetos, por exemplo, decassílabos. Essa visualização que distoa do clássico é uma característica típica do Modernismo, que, sob a influência das vanguardas europeias (SANTOS; SOUZA, 2009) auxilia a inserção da poética hilstiana no hall dos modernistas. Ainda pensando sobre a estrutura de Balada pré-nupcial, vemos um texto que apresenta semelhanças com o gênero épico, haja vista que a narrativa, direta ou indiretamente, apresenta uma sucessão de ações.

O primeiro aspecto que chama atenção é o vocativo “Menina”. Isso permite entrever o eu-lírico de natureza masculina, em uma translocação da autora de uma posição especificamente feminina para uma escrita sob a ótica do homem, característica produtiva nos textos de Hilda Hilst. Sugestivamente, o título apresenta uma marca que perpassa considerável porção do texto – o pré-nupcial, isto é, a preparação para o primeiro contato sexual entre o homem e a mulher dos quais trata o poema. Nos versos (...) nem nunca meus olhos viram / teu corpo e tua carne moça, o eu-lírico anuncia o interesse no corpo da jovem que, pelos indícios dados, trata-se de uma virgem.

Tal qual as etapas do enamoramento entre dois seres humanos, ou, como é chamado de maneira mais vulgar, ‘a paquera’, em vários momentos do poema ficam claras as tentativas do eu-lírico em conquistar a desejada, como em deixa que eu sinta a beleza / de tuas coisas escondidas, e nesses mesmos versos a paquera é apresentada já com tons eróticos, uma vez

que podemos considerar as chamadas coisas escondidas como aquilo que as roupas cobrem, escondidas por elas, mas desejadas pelo eu-lírico do poema.

Como complemento a esse processo de enamoramento, surge a promessa que é costumeira nesse processo - E prometo... / prometo mares e mundos / e te imagino subindo / as escadas de uma igreja. Assim como ocorre nas paqueras comuns, quando o desejo maior reside no defloramento do lado feminino, promete-se que, caso o ato sexual aconteça, o casamento será a solução, numa espécie de redimir a culpa que os amantes têm. Feita essa promessa e ocorrido o primeiro ato, o casamento ocorre, como forma de reparar o dano. Após isso, as promessas vão por água abaixo, o que podemos perceber por meio da imagem do cravo.

Se analisarmos as imagens de um cravo e do órgão íntimo feminino, perceberemos semelhanças, especialmente no que diz respeito ao desabrochar da flor, análogo ao desarochar do órgão feminino, quando pensamos no ritmo dos atos sexuais ao longo do casamento. Esse cravo, no poema, gera o filho do medo, marca da mudança de perspectiva no que é escrito - foi se abrindo, foi se abrindo / em choro, promessa e dor, / florindo o filho do medo / muito mais medo que amor.

De acordo com Freud (1905), as necessidades sexuais do sujeito humano expressam-se a partir da noção de pulsão sexual, que a linguagem vulgar pode compreender como fome, enquanto a ciência a define como libido. As pulsões sexuais, ou a libido, manifestam-se a partir de duas características: o objeto sexual e o alvo sexual. O objeto sexual é a pessoa que desperta interesse e atração. O alvo sexual diz respeito ao investimento ofertado a pessoa desejada.

Hilst mostra em “balada pré-nupcial”, o eu-lírico investindo a libido em uma jovem mulher de maneira explícita e direta. As metáforas presentes no poema manifestam a natureza exótica dispensada ao objeto sexual. Freud (1905) afirma que o investimento libidinal, ou pulsão sexual, equivale “na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades, que aspiram a unir-se no amor”. (p. 01). O eu-lírico de Hilst, declara imaginar a mulher amada “subindo as escadas de uma igreja”, e ambos de mãos enlaçadas. Deste modo, entende-se que o objeto sexual tem caráter monogâmico e a energia libidinal do eu-lírico é projetada em uma única pessoa.

A escolha de um objeto exclusivo e único, propõe, segundo Freud (1905), a supervalorização da pessoa amada e, também, do alvo sexual. No entanto, o alvo não é exclusivamente uma determinada parte do corpo do objeto desejado, manifestando-se por todo o espaço psíquico. Tal fato ocorre devido a tensão afetiva e sexual que envolve os

amantes. Ao afirmar que “o cravo desabrochado se expandia, se expandia...”, Hilst representa a valorização extrema do órgão sexual, que provoca diversos outros afetos na psique e no corpo do eu-lírico.

A tensão sexual entre os dois amantes que, conseqüentemente, leva ao prazer, insere, no entanto, uma dualidade provocada pela impressão de sentimentos ambíguos. Hilst traz um trecho no poema que deixa isso evidente. “E o cravo que se expandia, foi se abrindo, foi se abrindo, em choro, promessa e dor, florindo o filho do medo, muito mais medo que amor”. Segundo Freud (1905), o prazer da excitação sexual provoca também desprazer. Isso ocorre porque ao ter um objeto sexual, o sujeito sente prazer, por exemplo, a partir de pontos como troca de olhares e toque nas mãos. Tais áreas do corpo ao serem afetadas, levam a alteração e a excitação da genitália. Isto é, os atrativos do objeto sexual/pessoa amada produzem frequentes demandas no sujeito, levando-o a procurar sentir mais prazer. Quando não encontra o prazer no objeto desejado e amado, surge a falta e o desprazer.

2. O anseio pelo imaculado e o enamoramento sexual em Balada de Alzira **Balada de Alzira (Balada de Alzira, 1951)**

*O homem que não foi meu
um dia será de Alzira.
E passará os seus dedos
sobre suas pernas de virgem
e contará o segredo
daquele olhar de menina.
Amado, bem o sabia
que os meus delírios noturnos
nunca te resguardariam
do sabordos frutos novos.
Os homens querem Alzira
e os escondidos dos mares
e as conchas que não se lançam
às vontades das marés.
Há muito que pressentia
teu gesto de retirada
(como a noite espera o dia*

*mergulhada no silêncio)
Alzira, menina pura
teu corpo feito de lírios
assustava aquele meu
maduro e já sem vontade
de lutas e de emboscadas.
O homem que não foi meu
(porque me deu estertores
que à outra seriam dados)
em tardes de feereiro
Alzira levou p'ra lnge.
Aquela menina pura
ficou pétala fendida
flor com mil olhos de água
espantados e noturnos.
Alzira soluço brando
e face tão misteriosa*

que pena tenho guardada

por te saber corrompida.

Um dos aspectos da sexualidade humana que mais recebe reflexões e que mais gera discussões em uma sociedade repleta de tabus (CALVINO, 1961) é a virgindade humana. Entre os adolescentes, a chamada “primeira vez” costuma gerar inquietação, tendo em vista que é hiperromantizada, especialmente no caso feminino, ou funciona como uma espécie de cobrança, que é tipicamente arca do universo adolescente masculino.

No poema analisado nessa subseção, não há, necessariamente, uma vinculação do desejo em relação à virgindade masculina, mas feminina. Pensemos, portanto, na figura de Alzira. Esse ser, descrito no poema, é decerto uma jovem virgem, que não conheceu ainda homem algum; prova disso, também, é a comparação que temos entre ela e um lírio, o qual se constitui em uma flor extremamente delicada, cuja exposição, por exemplo, ao calor pode gerar a queima de suas pétalas com facilidade. O poema, assim, cria um esquema imagético de Alzira como sendo um ser frágil e sensível, além de virgem, como nos mostram os versos: E passará os seus dedos / sobre suas pernas de virgem.

Pensemos, agora, na figura do eu-lírico que, por suposição temática, provavelmente se caracteriza por ser feminino. Em relação a ideia narrativa que o poema apresenta, o eu-lírico aparece relacionado à figura de uma mulher, já madura e casada, que agora espera pelo momento em que seu amado a deixará, para ficar com a moça jovem que a superou - Há muito que pressentia / teu gesto de retirada / (como a noite espera o dia / mergulhada no silêncio). Cria-se, dessa forma, a imagem de um amor que tornou-se obsoleto, em vista de um desejo maior do homem, terceira figura do poema. O resultado, isto é, o enamoramento do homem por Alzira, que acarretará no defloramento da moça, conforme vemos em que pena tenho guardada / por te saber corrompida, numa reafirmação da hipervalorização social dada à virgindade.

Neste caso, portanto, e já pensando no ser masculino que aparece no poema, o amor é visto como indissociável do sexo, marca da poesia erótica (CUDDON, 1999 *apud* SILVA, 2011). Isso é visto porque o sentimento amoroso do homem é despertado pelo desejo sentido por Alzira, desejo esse que é marcado pelo anseio humano por aquilo que é distante ou difícil de ser alcançado, como vemos nos versos: Os homens querem Alzira / e os escondidos dos mares / e as conchas que não se lançam / às vontades das marés.

3. O desejo, o amor e o sexo

Poemas Malditos, Gozos e Devotos (1984)

Caio sobre teu colo.

Me retalhas.

Quem sou:

Tralhas, do teu divino humor.

Coronhadas exatas

De tuas mãos sagradas.

Me queres esbatida, gasta.

E antegozas o gosto

De um trêmulo Nada.

Me devoras

Com teus dentes ociosos.

A ti me incorporo

A contragosto.

Sou agora fúria

E descontrolo.

Agito-me desordenada

Nos teus moles.

Sou façanha

Escuro pulsante

Fera doente.

À tua semelhança:

Homem.

Neste último poema, notadamente, temos a criação imagética representativa do ato sexual, além de um desejo pulsante. Mucida (2009) afirma que o desejo surge no lugar onde insere-se a falta, tornando o sujeito dependente do cruzamento entre a própria necessidade e aquilo que o outro tem a oferecer. Hilst (2005), ao apresentar o eu-lírico a partir de um questionamento acerca do seu lugar enquanto sujeito, trazendo como respostas a tal pergunta, o profundo desejo de estar com o ser amado, mostra que “o amor, tendo sede de infinitude, enlaça-se ainda à via narcísica, ao eu; amamos aquilo que nos falta”. (MUCIDA, 2009, p. 130)

Deste modo, ao colocar que “tralhas do teu divino humor. Coronhadas exatas, de tuas mãos sagradas”, o eu-lírico expõe o desejo de pertencimento ao amor que oferta a outro sujeito. Mucida (2009) aponta que o amor gera irregularidade nos modos de ser de cada um, visto que há sempre a tênue linha entre o querer e o ter. Assim, pode-se compreender o eu-lírico do poema, como um sujeito extremamente entregue ao que poderá ser ofertado pelo Outro e, conseqüentemente, as decepções que tal demanda oferece. Isto é, ao apresentar-se como “à semelhança” do objeto amado, o eu-lírico inscreve-se em um ambiente carregado pela “luta necessária à sobrevivência, no qual se encontra acoplada a agressividade e o ódio”. (MUCIDA, 2009, p. 126)

O eu-lírico de Hilst afirma “sou agora fúria e descontrolo. Agito-me desordenada nos teus moles”. Tal fato deve-se, segundo Mucida (2009), justamente a ideia de semelhança que a personagem descreve o objeto amado. Isso porque ao estabelecer uma identificação semelhante, pode-se gerar sentimentos conflituosos como inquietação e agressividade, já que este outro amado, é também, a figura de alguém perfeito.

Contudo, o eu-lírico demonstra que a fonte de prazer que o sustenta, é justamente o enlaçamento com o amante, de modo que torna-se, provavelmente, inviável separá-los, visto que surgiria um possível sofrimento provocado pelo distanciamento de dois semelhantes que cruzaram-se e amaram-se.

4. Literatura erótica e ensino: considerações sobre a sala de aula

Embora a sexualidade humana seja algo considerado tabu, conforme dissemos anteriormente, ela é marcada como tema importante na educação, assegurada, no Brasil, por meio dos documentos oficiais parmetrizadores, dentre os quais destacamos, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nela, na área de ciências da natureza, encontramos a seguinte informação:

Nos anos finais, são abordados também temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde, do saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira. (BRASIL, 2017, p. 327)

Validada, portanto, a necessidade de se tratar sobre a sexualidade humana no ensino básico, devemos pensar como e por que, na aula de língua portuguesa, esse tema deve ser abordado. Tendo feito a revisão teórica salientando a diferenciação entre literatura erótica e pornografia, cremos que está clara a marca distintiva entre ambas, facilitando a quebra do senso comum. A sexualidade e o sentimento envolto ao sexo são, dessa forma, temas que podem e devem ser abordados nas aulas de literatura, haja vista que não falamos apenas de uma função literária, como a de literatura como fruição, mas de literatura como arte que tem, também, função social.

As pesquisas acadêmicas já voltam o seu olhar para a dimensão erótica da literatura, como vemos, por exemplo, no trabalho de Ferreira (2017). Nele, a autora trata sobre as questões relacionadas ao texto literário, como a diversidade textual, que permite uma interdisciplinaridade e transversalidade, abrangendo o campo da literatura erótica como uma ferramenta didática que não tem seu potencial explorado. Vê-se, assim, as potencialidades que o trabalho com a literatura erótica possui e a necessidade de se trabalhar tais textos em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos evidenciar alguns aspectos da poética erótica de Hilda Hilst,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

escritora que se insere na literatura com o título de modernista. Dessa forma, com a análise dos poemas aqui elencados, depreendemos uma recorrência temática do amor erótico que surge de um desejo sexual entre dois seres, além de surgir temas como a virgindade. Em suma, as análises feitas apontam para um grande tópico que gira em torno do sexo e do desejo carnal.

Temas como esses levantados apontam para questões humanas e ao mesmo tempo sociais, como é o caso da virgindade, que afeta a vida de alunos adolescentes. Por meio da literatura erótica, assim, a escola serviria de ponte entre os discentes e o conhecimento, além de ter ao seu lado uma importante via para o letramento dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Tradução de Cláudia Fares. São Paulo: Editora Arx, 2004
- CALVINO, Italo. “Sull’erotismo in letteratura”. in: Nuovi Argomenti (n.51-52), revista organizada por Alberto Moravia e Alberto Carocci. Roma, 1961, p. 21-24.
- DIAS, Júlio César Tavares; MENEZES, Jéssica Sabrina de Oliveira. *Erotismo e (pu)dor: a poesia de Gilka Machado e Florbela Espanca*. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 51, dezembro de 2015. p. 161-174
- DAL FARRA, Maria Lúcia. *Poesia de Mulher em Língua Portuguesa*. Letras nº 23 – Literatura Portuguesa e Pós-Colonialismo: Produção, Recepção e Cultura, UFS, 2001.
- FERREIRA, Patrícia Lima. *A literatura erótica como ferramenta interdisciplinar e transversal no ensino médio*. Revista Educação e Cultura em debate. v.3, nº2, 2017.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma história (o caso de Dora) e outros textos. Companhia das Letras: Vol.6: 1905.
- HILST, H. *Da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MORAVIA, Alberto. “Sull’erotismo in letteratura”. in: Nuovi Argomenti (n.51-52), revista organizada por Alberto Moravia e Alberto Carocci. Roma, 1961, p.50-52.
- MORANTE, Elsa. “Sull’erotismo in letteratura”. in: Nuovi Argomenti (n.51-52), revista organizada por Alberto Moravia e Alberto Carocci. Roma, 1961, p.46-49.
- MUCIDA, Ângela. *Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- PAGOTO, Cristian; JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. *As mulheres de Minas: corpo e erotismo na poesia de Adélia Prado*. Travessias (UNIOESTE. Online), v. 3, p. 1-16, 2008.
- SILVA, Frederico Spada. *O limiar da carne: amor e erotismo na poesia de Hilda Hilst*. Dissertação (Mestrado em estudos literários) – Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2011.